



| CONTRAMÃO • RAFAEL ALCADIPANI

MÍDIAS SOCIAIS E LIBERDADE

Analistas apressados consideram que as manifestações que sacudiram o Brasil nos últimos meses ocorreram devido à difusão de informações geradas pela população por meio das mídias sociais. O mesmo é dito em relação à primavera árabe e às revoltas populares que aconteceram em países como a Turquia.

Dizer que tais levantes foram criados pelo Facebook ou Twitter é um grande exagero, pois desconsidera as insatisfações latentes com regimes políticos que não atendem mais as pessoas. Porém, as mídias sociais permitem a propagação rápida e democrática de conteúdo, ampliando o alcance dessas ideias e tornando-as algo fora de controle.

Em vista do potencial danoso da liberdade presente nessas mídias, algumas empresas estão elaborando códigos de conduta restritos sobre como seus funcionários devem se comportar nesse ambiente. Já soube de casos que o tal código pode exigir, inclusive, assinatura de anuência.

As corporações estão cada vez mais preocupadas com o fato de um comentário mais ácido ou uma foto mais picante postada por um(a) colaborador(a) acarretar prejuízos para a imagem da organização. E não é difícil encontrar relatos de funcionários que enviam comentários sobre o comportamento virtual de seus “colégas” para os chefes visando prejudicar o outro.

Entretanto, ao querer regular a conduta de seus empregados até mesmo nas mídias sociais,

as empresas esquecem que as pessoas não vivem apenas para o mundo corporativo. Um funcionário também é membro de uma família, tem amigos, pode participar de grupos, igrejas, sindicatos, partidos políticos e ter várias associações além daquela estampada em seu crachá. O funcionário é também cidadão e, como tal, tem o direito à liberdade de opinião sem o cabresto corporativo.

As organizações não podem controlar o que seus empregados postam nas redes sociais — exceto em casos nos quais há o risco de que informações internas sigilosas sejam divulgadas —, não podem interferir no seu direito de opinião, especialmente quando eles não expõem o local onde trabalham. Trata-se de uma tentativa de privatização da esfera individual, tão comum na ótica do humano que virou capital. Usar o conteúdo dessas mídias para alimentar guerras políticas internas, além de ser deploável, é uma questão de (falta de) caráter e deveria ser repelida pelos gestores para evitar a deterioração do clima organizacional. As novas mídias sociais trazem desafios importantes para as organizações.

Mas no mundo em que vivemos, governos estão sendo derrubados por tentar limitar a liberdade das pessoas. Cerceá-las nesses meios é ir contra ao clamor por mais autonomia e menos centralização. É incorreto tentar controlar a opinião dos cidadãos nas redes sociais.

GOVERNOS ESTÃO
SENDO DERRUBADOS
POR TENTAR LIMITAR
A LIBERDADE DAS
PESSOAS.
CERCEÁ-LAS NAS
MÍDIAS DIGITAIS
É IR CONTRA O
CLAMOR POR MAIS
AUTONOMIA E MENOS
CENTRALIZAÇÃO